

## Um príncipe autista?<sup>1</sup>

Antônio Guinho<sup>2</sup>

“Se procurar bem você acaba encontrando não a explicação (duvidosa) da vida, mas a poesia (inexplicável) da vida” -  
Carlos Drummond de Andrade

“A alma é uma literatura. É nisso que se baseia a psicanálise”. - Rubem Alves

### Plano de vôo

O propósito deste trabalho é um debruçamento sobre a magistral obra “O Idiota”, do grande escritor russo Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski, a quem Freud “considerava como um dos primeiros entre todos” (1928 [1927]), para levantar a seguinte questão: seria o personagem central do romance, o príncipe russo Liév Nikoláievich Míchkin, 26 anos, simplesmente um idiota ou uma pessoa no autismo?

O que se pretende com este estudo é mostrar as sutilezas das manifestações autísticas. Isso quer dizer, então, que neste exato momento o príncipe está sendo diagnosticado como autista? Não necessariamente. Em todo o caso é muito claro que ele manifesta variados traços autísticos, como se comprova ao longo da sua história.

Quem lê estas páginas, em seu legítimo direito, pode questionar a razão pela qual se escolhe um personagem ficcional para se tentar elucidar as peculiaridades do autismo ao invés de se escolher uma pessoa real, de carne e osso, entre as milhares existentes nessa condição.

Em legítima defesa, pode-se recorrer a uma “jurisprudência” já firmada com o ensaio de Freud “Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen”:

"Meus leitores sem dúvida terão ficado surpresos ao notar que até aqui tratei todas as atividades e manifestações mentais de Norbert Hanold e Zoe Bertgang como se os dois fossem pessoas reais e não criações de um autor, e como se a mente do autor não

---

<sup>1</sup> Texto apresentado em reunião da Intersecção Psicanalítica do Brasil, em 16.03.2018.

<sup>2</sup> Psicanalista. Membro de Intersecção Psicanalítica do Brasil-IPB e membro fundador de Interlocação em Desenvolvimento Infantil-IDI. E-Mail: antonioguinho@gmail.com

fosse um instrumento capaz de deformar ou obscurecer, mas um instrumento totalmente límpido. Meu procedimento deve parecer-lhes ainda mais incompreensível se considerarem que o autor classificou sua história de ‘fantasia’, negando-lhe qualquer semelhança com a realidade. Entretanto, descobrimos que todas as suas descrições copiam tão fielmente a realidade, que não nos oporíamos à apresentação de Gradiva como um estudo psiquiátrico. (...) E os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar." (FREUD, 1907 [1906], p. 6)

Do mesmo modo, as descrições de Dostoiévski, um aliado muito valioso, copiam tão fielmente a realidade, que não há porque se opor à apresentação de “O Idiota” como um estudo psicanalítico. Com a grande vantagem de que o príncipe Míchkin apresenta de uma maneira translúcida as possíveis sutilezas, as grandes nuances das pessoas no autismo, o que geralmente escapa, na vida real, a um olhar desavisado. Além do que, pode-se esmiuçar, cascavilhar mesmo a sua vida sem nenhum prurido ético. Afinal, não trata-se de uma pessoa real, mas apenas de um personagem.

## **A viagem**

O príncipe russo Liév Nikoláievich Míchkin, 26 anos, após uma estadia de quatro anos na Suíça para tratamento de saúde, retorna a São Petersburgo com o objetivo de visitar, com a perspectiva de certos negócios, a esposa do General Epantchín, a Sra. Epantchiná ou a generala, uma parenta distante, a conselho do Dr. Schneider, médico do jovem.

Tratando-se da Rússia czarista de meados do século XIX, imediatamente imagina-se toda a pompa e circunstância que certamente cerca esse príncipe em seu retorno. Esse não é o caso. O príncipe, vestido pobremente com uma capa adequada para o clima da Suíça, porém mais do que insuficiente para o frio congelante da Rússia naquela época do ano, viaja no vagão de terceira classe do rápido de Varsóvia e traz consigo nada mais do que uma pequena trouxa com os seus pertences.

"O jovem príncipe tem uma estatura pouco acima da vulgar, cabelos louros e abundantes, faces encovadas e uma barba pontuda tão clara, que parece branca. Seus olhos são grandes, azuis e fixos. Através deles transparece algo gentil mas com uma

expressão afadigada e tão esquisita que muita gente ao primeiro relance reconheceria estar defronte de um epiléptico. Ainda assim o rosto é agradável, bem tratado, de traços finos, sem uma coloração própria, muito embora nessa ocasião esteja um pouco azulado por causa do frio. (...) Está degelando, e tão úmido e embaçado que é difícil distinguir qualquer coisa a dez passos" (p.1)

No mesmo vagão, sentado à frente do príncipe, Rogójin, um homem aproximadamente da sua idade, beberrão, perdulário e não vocacionado para o trabalho, ostenta “um contínuo sorriso atrevido, de uma ironia maliciosa. (...) Dando a esse sorriso uma indelicadeza maior, em um desses gestos que não raro traem, casualmente, certa satisfação ante a desgraça alheia, pergunta ao príncipe, sem a menor cerimônia”, sobre o seu mais do que evidente frio. A partir daí comete outras tantas descabidas indiscrições. Ao lado do interlocutor, um outro homem, Liébediev, junta-se em coro a Rogójin e se delicia em ridicularizar o estado de pobreza do nobre e em atribuir a um “excesso de imaginação” o seu possível parentesco com a Sra. Epantchiná, esposa do general.

Terminada a viagem, Rogójin diz ter simpatizado com o príncipe, embora também lhe diga, indelicadamente, não saber bem o porquê desse sentimento, e solicita-lhe a sua visita. Este afirma ter tido muito gosto em conhecê-lo e ter sentido grande simpatia por ele e, “apesar de no começo ter estado a me observar de um modo esquisito eu já estava gostando do senhor”. (p.16) Ou seja, o coração do príncipe não alimenta nenhuma mágoa dos seus detratores, fato bastante invulgar às pessoas comuns. É possível que isso tenha “desmontado” Rogójin, que passa da atitude de hostilidade para a de simpatia.

### **Rumo à casa da generala**

O príncipe parte da estação de trem direto para a magnífica residência de seis andares do General Epantchín, reputado pela sua grande fortuna e pelas imensas ligações como homem de negócios, tendo tido sempre o dom de saber se tornar indispensável, sendo a seção governamental onde trabalhava a melhor prova disso.

(...) Um criado de libré abre a porta e Míchkin tem dificuldade em explicar a sua aparição a esse homem que desde o começo olha desconfiado para o seu embrulho. Por fim, ante a sua reiterada e categórica asserção de que era realmente o Príncipe Míchkin,

e que precisa formalmente avistar-se com o general para um assunto importante, o criado perplexo o conduz a uma pequena antecâmara, ao lado da sala de espera que precede ao escritório do general; e aí o passa a outro criado que, com uma atitude muito empertigada, introduz as visitas no escritório do General e só por isso se dá ares de importância.

(...) – Passe para a sala de espera e deponha o seu embrulho aqui – diz (o segundo criado), sentando-se em uma poltrona, com deliberada dignidade, passando a olhar com firmeza para Míchkin que se senta em uma cadeira perto dele, com o embrulho no colo.

O príncipe, aparentemente alheio às regras sociais, especialmente num ambiente tão vetusto, diz:

– Caso o senhor permita, eu preferiria ficar aqui, com o senhor; que vou fazer lá na saleta, sozinho?

– O senhor não pode permanecer na ante-sala.

É evidente que o criado hesita ante o pensamento de anunciar semelhante visita, razão pela qual faz novas perguntas. A desconfiança do homem cresce mais e mais, pois o príncipe não se parece com o normal dos visitantes diários. – O senhor é, realmente, de fora, do estrangeiro?

– Sim, vim de fora. Acabo de chegar da estação. Creio que o senhor ia perguntar se eu sou realmente o Príncipe Míchkin, não o tendo feito apenas por polidez. (p. 14)

Como se vê inúmeras vezes ao longo da história, o príncipe parece ser um poço de contradições ou, sendo mais gentil com ele, um mar de nuances. Ao mesmo tempo em que em alguns momentos parece não ter a mínima percepção das más intenções e hostilidades dos outros e mesmo as insinuações de uma mulher apaixonada, em outros momentos é capaz de perscrutar os pensamentos de outra pessoa, o que geralmente expressa com uma sinceridade cortante.

Mais uma vez alheio às regras sociais, o príncipe indaga ao criado:

– Bem, já que devo esperar ainda um pouco, gostaria de saber se há algum lugar por aqui, onde eu pudesse fumar. Trouxe comigo tabaco e um cachimbo.

– Fumar? – diz o criado, encarando-o com desdenhosa surpresa, como se não devesse acreditar no que ouvira. – Fumar? Não, o senhor não pode fumar aqui. O senhor devia-se envergonhar de pensar em uma coisa dessas. Eh! Eh! Que pergunta mais disparatada.

Mas o príncipe com ares de mendigo, insiste no seu pleito.

O criado não pode deixar de tartamudear:

“- Como é que vou anunciar um camarada da sua marca? O senhor (agora já cicia) em primeiro lugar não devia estar aqui, o lugar de esperar é na sala de espera, pois o senhor é uma visita, em outras palavras, um hóspede, e vão ralhar comigo por causa disto.”

Completamente alheio ao incômodo que porventura pudesse estar causando, o príncipe se destrambelha a falar sobre os mais variados assuntos.

A conversa do príncipe parece bastante simples. Mas é justamente essa simplicidade que não se coaduna com o presente caso. O criado conclui que há duas explicações: ou o príncipe é uma espécie de impostor que veio pedir dinheiro ao general, ou é, simplesmente, um pouco tolo e falho de senso de dignidade, não compreendendo que não deve se sentar em uma sala nem conversar sobre negócios com um mero criado. Assim, em ambos os casos, só lhe iria dar incômodos. E então retorque, o mais expressivamente possível:

– De qualquer modo, seria melhor que o senhor fosse para a saleta de espera.

– É. Mas se eu estivesse lá não teria podido explicar ao senhor tudo isto – responde o príncipe, sorrindo, com bom humor”, sem nenhum senso de conveniência e com uma incompreensível perseverança.

O laçao o inquire sobre sua permanência na Suíça.

– O senhor esteve por lá muito tempo?

– Quatro anos. Mas, quase sempre no mesmo lugar, sempre fora de grandes cidades.

– De modo que se desacostumou dos nossos hábitos!

– Sim, de certo modo. E acredite que até estou surpreendido de não ter esquecido o russo. Enquanto falo com o senhor, fico pensando: “Ora, não é que estou falando lindamente o russo?!” (p.16)

Uma apreciação de si muito pouco modesta.

Nesse ponto, do mesmo modo que ocorreu com Rogójin, o beerrão do trem, há uma mudança na atitude do laçao, que vai do extremo da hostilidade para a afabilidade. E assim “apesar de seus esforços, o laçao não pode resistir e envereda por uma conversa polida e afável”.

## **O interminável relato**

Aqui há que se pedir a paciência e as devidas desculpas para a reprodução de um relato obsessivamente minucioso feito pelo príncipe, por ser imprescindível para o que este texto se propõe.

O laçao pergunta ao príncipe:

Hum!... Ah! O senhor antes viveu em Petersburgo?

Responde o príncipe:

– Em Petersburgo? Eu? Raramente estive aqui. Só de passagem para outros lugares. Antes não conhecia nada da cidade, agora, segundo ouvi, há muitas coisas novas, de modo que mesmo quem a conhecia ainda tem muita coisa fresca para ver. Fala-se muito do novo Palácio da Justiça.

– Há! O Palácio da Justiça. Sim, realmente há um Palácio da Justiça. E lá pelo estrangeiro, como é? Há por lá muitas cortes de justiça? São como as nossas?

– Não saberia lhe responder. Ouvi gabarem muito as nossas daqui. Conforme o senhor sabe, nós não temos, por exemplo, a pena capital.

– Então, lá, eles executam gente?

– Sim. Uma vez eu vi, na França, em Lião. O Dr. Schneider me levou.

– Enforcam, não é?

– Não. Em França eles cortam fora as cabeças.

– Gritam?

– Como poderiam? Aquilo é feito em um instante. Fazem o homem ficar deitado e então uma grande faca desce, pelo próprio peso. Uma máquina poderosa, chamada guilhotina. A cabeça pula fora antes que a pessoa pisque! Os preparativos são horríveis. Mal acabam de ler a sentença, aprontam o homem, atam-no, levam-no para o cadafalso – e isso é que é terrível! Juntam-se multidões, até mulheres, embora não gostem que as mulheres assistam.

– Não é coisa para elas!

– Naturalmente que não. Naturalmente uma coisa assim, tão hedionda! O criminoso era um homem inteligente, de meia-idade, forte, corajoso, chamado Legros. Mas lhe garanto que quando subiu para o cadafalso estava chorando, e mais branco do que uma folha de papel. Não é incrível? Não é hediondo? Quem pode chorar de medo? Nunca me passou pela cabeça que um homem já feito, não uma criança, mas um homem que nunca chorou, um homem de quarenta e cinco anos, pudesse chorar de medo! O que não deve estar se passando na sua alma, nesse momento!? A que angústia não deve ela

estar sendo levada!?! É um ultraje para uma alma, eis que é! Está escrito: ‘Não matarás!’ E então, porque ele matou, o matam? Não. Isso está errado! Já faz um mês que assisti a isso, mas me parece estar ainda vendo com os meus olhos. Já tenho sonhado uma meia dúzia de vezes.

Míchkin, enquanto fala, está completamente mudado; uma ligeira coloração sobe ao seu rosto pálido, muito embora a sua voz continue gentil. O laçao segue-o com simpático interesse, tanto que o desagrada ter o príncipe se calado.

– Ainda é uma boa coisa que, pelo menos, não haja muito sofrimento quando a cabeça cai.

– Quer saber de uma coisa? O senhor fez justamente uma observação que já ouvi de muitas outras pessoas – prossegue o príncipe, acalorando-se – e a guilhotina foi inventada com esse fim. Mas, naquela ocasião, me ocorreu o pensamento de que talvez isso fosse pior. Pode lhe parecer absurda e bárbara esta minha idéia, mas, quando se tem imaginação, se chega, como eu, a supor isso. Pense! Se houvesse tortura, se, por exemplo, houvesse sofrimento, um ferimento que desse agonia corporal, e tudo o mais, isso pelo menos distrairia o espírito, desviando-o do sofrimento moral, de maneira que só se seria torturado pela dor física até que se morresse. Mas a principal e pior pena não está no sofrimento corporal e sim em se saber com segurança matemática que, em uma hora, depois em dez minutos, a seguir em meio minuto, e, depois, já, bem agora mesmo, neste segundo, a alma deve deixar o corpo, e se vai cessar de ser homem; e que isso tem de acontecer!... O pior de tudo isso está em que é certo. Quando o senhor deita a sua cabeça lá, debaixo da lâmina, e a ouve escorregar vindo para a sua cabeça, este quarto de segundo é o mais terrível de todos. O senhor note que isso não é imaginação da minha parte. Muita gente tem dito o mesmo. Vamos a ver se consigo lhe dizer cabalmente o que sinto. Matar, por causa de um assassinato, é uma punição incomparavelmente pior do que o próprio crime cometido. O assassinato por sentença judicial é incomensuravelmente pior do que assassinato cometido por bandidos. Quem quer que seja assassinado por bandidos, e, cuja garganta tenha sido cortada, em um bosque, à noite, ou qualquer coisa assim, naturalmente que espera escapar até o último momento. Tem havido casos de uma pessoa ainda esperar escapar, correndo, ou suplicando misericórdia, e já depois da garganta ter sido cortada! Mas no outro caso, a que nos estamos referindo, toda esta última esperança, que faz morrer dez vezes, como é fácil compreender, está suprimida, pois se sabe que é certo, há uma sentença; e toda a medonha tortura jaz no fato de que não há, certamente, meios de escapar. E não há, no

mundo, tortura maior do que esta. Podem-se comandar soldados, mandar que um deles se coloque diante de um canhão, em batalha, e ele saber que vão dispará-lo sobre ele: ainda assim, terá uma esperança. Mas leia o senhor uma dada sentença de morte a esse mesmo soldado e ele ou enlouquecerá, ou cairá em lágrimas. Quem já afirmou que a natureza está capacitada para suportar isso, sem loucura? Para que e por que essa revoltante, inútil e desnecessária atrocidade? Talvez, por aí haja algum homem que já tenha sido exposto a tal tortura e a quem tenha sido dito: ‘Vai-te embora. Estás perdoado!’ Tal homem decerto, nos pode dizer que foi dessa tortura e dessa agonia que Cristo falou, também. Não, não se pode tratar assim uma criatura humana!” Aqui o príncipe expressa um refinado senso de justiça.

“Muito embora o laçao não esteja em condições de se expressar como Míchkin, compreende muito, senão tudo, dessa conversa. Isso está patenteado na expressão atônita do seu rosto. (p.18)

## **O secretário**

Entra na sala Gavríl Ardaliónovitch (Gánia), o secretário do general, um jovem de boa aparência, louro, de cerca de uns vinte e oito anos, também de estatura média, com bonito penteado, o rosto vivo e simpático. Só o seu sorriso, toda afabilidade, é um pouco esquisito. A despeito da jovialidade e da aparente maneira natural, há alguma coisa nele que é demasiado intencional, principalmente no modo dos seus olhos perquirirem. Míchkin sente que, quando sozinho, esse homem deve parecer bem outro, talvez até não rindo nunca.

(...) Gánia olha o príncipe de esguelha. O laçao ajuda-o a tirar o casaco de pele e apresenta o visitante.

Pergunta o secretário com extrema polidez e cordialidade:

– O senhor é o Príncipe Míchkin? Não foi o senhor que mandou uma carta a Lizavéta Prokoievna, há um ano, mais ou menos, da Suíça?

– Sim.

– Então estão a par de tudo, a seu respeito, e certamente se recordarão do senhor. Deseja ver Sua Excelência? Vou anunciá-lo imediatamente. Sua Excelência deve ficar livre já. Somente... seria melhor se o senhor passasse para a sala de espera... Por que está aqui este senhor? – pergunta ao criado, arrogantemente.



– Digo-lhe já: não houve meios de o convencer a...

Como previra, o laçao recebe uma repreensão do secretário. (p.19)

Nesse momento a porta do escritório se abre, sai um militar e uma voz exclama lá de dentro:

– Você já está aí, Gânia? Venha cá.

Gânia faz sinal a Míchkin que espere e entra apressadamente para o escritório.

Nem dois minutos depois, a porta se reabre e a voz musical e afável de Gânia se faz ouvir.

– Príncipe, faça o favor de entrar.

## **O general**

O General Iván Fiódorovitch Epantchín recebe o príncipe, olhando-o com extrema curiosidade, dando mesmo dois passos em sua direção para melhor perscrutá-lo.

Com a apresentação do príncipe o general chega quase ao ponto de sorrir, mas reflete melhor e se contém. Examina seu visitante da cabeça aos pés com impaciente expectativa.

De maneira pouco acolhedora diz:

“- Via de regra tenho muito pouco tempo para travar relações.”

O príncipe diz não ter nenhum motivo especial para a sua visita, “a não ser o prazer de travar conhecimento”.

O general responde, de forma descortês:

“- Naturalmente que isso também é um prazer para mim, mas a vida não é feita só de prazeres. De mais a mais, ainda não atinei com o que possa haver de comum entre nós.”

O príncipe afirma ter “um negócio de importância a decidir” e que poderão “ser úteis um ao outro: o senhor a mim e eu ao senhor” ao que o general responde com ironia:

“- Isso me desvanece muito...”

E com isso corta a comunicação que o príncipe teria a fazer sobre o tal “negócio”.

Mais adiante o general conclui que como

estamos de acordo não podermos trazer à baila parentesco nem relações de amizade entre nós, não há mais nada senão...

– Senão me levantar e ir embora?!

E Míchkin se ergue, rindo com positiva jovialidade, apesar de toda a visível dificuldade da sua situação.

– Bem, até à vista; e desculpe ter incomodado.

O rosto do príncipe é tão cordial, nesse momento, e o seu sorriso tão limpo da menor sombra de qualquer gênero de malquerença, que o general fica subitamente surpreso e passa a considerar o seu visitante sob um diferente ponto de vista. Dá-se logo uma mudança total na sua atitude. (!)

– Quer saber de uma coisa, príncipe? Muito embora eu não o conheça – diz com uma voz muito outra – ainda assim Lizavéta Prokófievna [a esposa do general] gostará decerto de ver uma pessoa que tem o seu mesmo nome. Fique um pouco, se pode e se é que dispõe de tempo.

Embora o general esteja aqui aproveitando-se do príncipe, “um verdadeiro enviado de Deus!”, como escudo diante da esposa para uma estratégica saída suspeita, pois “antes do aparecimento de Míchkin tinha resolvido escapular a pretexto de um negócio urgente” (p.21), não deixa de ser uma grande mudança baixar a guarda repentinamente e permitir que ele tenha acesso à intimidade da família. Note-se que para isso o príncipe teve que ultrapassar quatro barreiras: a do primeiro lacaios, a do segundo, a do secretário e a do general.

Antes de encaminhar o príncipe para o encontro com a esposa, o general o interpela sobre os seus recursos.

Responde o jovem:

“- Aprecio e compreendo a sua pergunta. No momento não disponho de recursos, nem de ocupação, mas terei”. (...) “Há, porém, uma coisa e sobre a qual até preciso muito me aconselhar, mas...” Nesse ponto o general interrompe pela segunda vez a tentativa do príncipe de falar sobre determinados “negócios”.

O príncipe ainda relata “que freqüentes ataques de uma moléstia tinham feito dele um idiota” sendo “o Prof. Schneider, um especialista suíço em tais doenças, com uma instituição no Cantão de Valais, onde cuidava de doentes que sofriam de idiotia e de loucura” e que “conquanto não o tivesse curado de todo, tinha conseguido melhorar sobremaneira a sua condição.” (p.22)

Mais adiante o príncipe tenta relatar sobre os tais “negócios”:

“- Recebi uma carta estranha sobre a qual até...

“O general corta-lhe a frase.” Pela terceira vez! E inquirindo o príncipe sobre suas habilidades e conhecimentos, na verdade com receio de que esse requisitasse ficar sob suas expensas, pergunta-lhe:

– O russo? O senhor conhece, então, a gramática russa, e pode escrever sem erros?

– Oh! Perfeitamente.

– Ótimo, ótimo; e a sua caligrafia?

– A minha letra? É excelente. Posso até chamar a isso um talento, pois sou um perfeito calígrafo.

Mais uma vez a modéstia passa longe do nosso príncipe.

“Deixe-me escrever-lhe qualquer coisa, como amostra – diz o príncipe, entusiasmando-se.”

Aqui o general baixa a guarda mais uma vez:

“- A sua presteza me agrada, príncipe. O senhor é muito agradável, deixe-me dizer-lhe.”

O que é que se passa com esse príncipe que inicialmente provoca uma atitude de rejeição nas pessoas, para em seguida essas mesmas pessoas abrirem seus corações e o acolherem amorosamente? Assim foi com Rogójin, com o laçao e agora com o general.

Terminada a escrita do príncipe, o general comenta entusiasmado:

“- Que letra! Esplêndido!. (...) Oh! Mas o senhor perpetra verdadeiras maravilhas! – diz o general, sorrindo – O senhor não é apenas um bom calígrafo meu caro amigo, o senhor é mais é um artista!

Momentos depois o príncipe tenta falar, mais uma vez, sobre os tais “negócios”:

– Já que o senhor é tão bondoso – começa o príncipe – tenho necessidade de um conselho sobre um negócio. Eu recebi uma notificação sobre...

– Perdoe-me – interrompe-o o general [pela quarta vez!] – não tenho sequer um minuto mais. Vou falar com Lizavéta Prokófievna a seu respeito. Se ela desejar vê-lo agora (vou tentar dar-lhe as melhores impressões a respeito do senhor!) aconselho-o a aproveitar a oportunidade e ganhar-lhe as boas graças, pois Lizavéta Prokófievna lhe pode ser muito útil. (p.28)

O assunto sobre determinados “negócios” que o príncipe tentou introduzir na conversa com o general infrutiferamente por quatros vezes, tendo sido sistematicamente

interrompido por aquele, tratava-se, nada mais nada menos, do que uma inesperada herança, uma imensa fortuna deixada por uma parenta distante.

### **O encontro, afinal, com a Sra. Lizavéta Prokófievna, ou a Sra. Epantchiná ou ainda a generala, e suas três filhas**

O general anuncia o visitante, traçando dele o perfil de um pobre idiota, quase um pedinte”. (...) É completamente uma criança, tem um feitio quase patético! Imagina tu que lhe dão ataques, de vez em quando. Acaba de chegar da Suíça, e veio diretamente da estação para aqui. Veste-se desajeitadamente, como um alemão, e está literalmente sem um copeque. Só lhe falta chorar. (...) É dócil como criança de colo e muito instruído. (p.42)

A Sra. Epantchiná é muito ciosa da dignidade da sua família. Como a deveria ter chocado ouvir assim, sem o menor preparo, que esse Príncipe Míchkin, o último do nome, de quem já tinha ouvido falar, não passava de um pobre idiota, quase um pedinte, pronto até a aceitar a caridade alheia! O general muito propositadamente quis produzir efeito, impressionando-a de súbito, de modo que com a atenção volvida em outro rumo (p.42)

ele pudesse dar a sua desejada escapulida. Ou seja, ali o príncipe estava sendo utilizado (manipulado) como mera “bucha de canhão”.

Antes de sair, o general recomenda:

– Peçam-lhe que escreva qualquer coisa para vocês; tem uma letra que é um assombro. Vocês deveriam ver como ele escreveu para mim, em antigos caracteres.

A Sra. Epantchiná é uma mulher de compleição forte, da mesma idade do marido, com os cabelos negros ainda abundantes começando a pratear aqui e acolá. Mais alta do que baixa, tem nariz aquilino, faces fundas amareladas e lábios finos e cerrados. Testa alta mas estreita, sob a qual os grandes olhos cinzentos mostravam, às vezes, uma inesperada expressão. Manifestara, em tempos, a fraqueza de supor esses olhos particularmente fascinantes, convicção essa de que ninguém jamais conseguira movê-la.

As filhas do general, Aleksándra, Adelaída e Agláia, são todas as três notavelmente bonitas, inclusive a mais velha, Aleksándra, que já completara vinte e cinco anos. A segunda, Adelaída, tinha vinte e três e a mais nova, Agláia, apenas vinte.

Esta é que era de fato uma beleza, começando já a atrair muita atenção na sociedade. Mas isso não era tudo. Todas as três se distinguiam pela educação, habilidade e talento.

A mais velha era musicista; a segunda pintava passavelmente bem. Em uma palavra: muito se dizia em favor delas. Mas também havia críticas hostis. Falava-se com horror do número de livros que liam. Elas tinham pouca pressa em se casar; era-lhes agradável, e nada mais, pertencer a certo círculo de sociedade. (p.13)

O general sai e pouquíssimos minutos depois de uma conversa inicial, a generala comenta, referindo-se ao visitante:

– Verifico, com prazer, que o senhor não se aproxima, sequer, da criatura estranha que me foi descrita (pelo general) como sendo o senhor.

– Já que, em vez de se zangar, o senhor ri, fico mais à vontade. Vejo que é um moço de muito bom coração – afirma a generala.

Depois de discorrer sobre como foi feliz no estrangeiro, apesar da doença e das condições despojadas em que vivia, de como conseguia fruir das coisas simples da vida, e de refletir que “até em uma prisão se pode encontrar uma vida afortunada”, diz-lhe Aleksáandra:

– Isso tudo é filosofia. O senhor é um filósofo e, quem sabe? Talvez tenha chegado aqui para ensinar.

– Talvez tenha razão – sorri o príncipe – talvez seja eu um filósofo e saiba ensinar a pensar... É bem possível; é verdade.

– Acha então que vive mais sabiamente do que qualquer outro? – indaga Aglália.

– Sim, muitas vezes julgo assim.

– E não muda de opinião?

– Penso sempre do mesmo modo.

Até então estivera contemplando Aglália com um sorriso gentil e tímido. Mas ao fazer tal afirmativa deu uma risada, passando a olhá-la com jovialidade.

– Isso é que é ser modesto...

O tom da voz de Aglália tendia para a irritação. (p.50)

Mais uma vez fica patente a dificuldade do jovem de, em sociedade, pelo menos, parecer modesto.

Depois de Aglália questionar e ridicularizar “a riqueza da vida dentro de uma prisão” e a alegada vida feliz do príncipe em um sanatório, o príncipe sentencia:

“- Pode haver duas opiniões a respeito de prisão.”

E inicia uma interminável conversa para a qual há de se pedir novamente desculpas e paciência a quem lê estas páginas, para essa indispensável descrição.

– Certo homem que viveu doze anos em uma prisão me disse uma coisa, depois. Ele era, como eu, um dos clientes do meu professor. Também tinha ataques e, às vezes, ficava excitado; chorava, queria matar-se. A sua vida na cadeia foi uma vida miserável asseguro-lhes, mas não,” “absolutamente, sem sentido. Imaginem que seus únicos amigos eram uma aranha e uma árvore que crescia debaixo da sua janela gradeada. Mas o melhor é deixar de lado este caso e lhes contar como vim a encontrar, no ano passado, um outro homem em cuja vida houve uma circunstância bem estranha, pelo fato de ser daquelas que raramente acontecem. Esse homem fora, uma vez, conduzido com mais outros ao cadafalso, levado por uma sentença de morte. Ia ser fuzilado por causa de uma ofensa política. Vinte minutos mais tarde, porém, lhe era lida a comutação da pena de morte pela de degredo.[Essa situação fora vivida literalmente por Dostóievski].

Todavia, no intervalo entre as duas sentenças, vinte minutos, ou talvez um quarto de hora, teve ele a convicção firme de que ia morrer.

Sempre o escutei sequiosamente, quando se punha a recordar as sensações dessa ocasião e muitas vezes, depois, eu o interrogava a respeito. Lembrava-se de tudo com perfeita exatidão e costumava dizer que lhe era impossível esquecer aqueles vinte minutos. A vinte passos do cadafalso, a cuja volta soldadesca e povaréu permaneciam, havia três postes fincados no chão, pois se tratava de vários condenados. Os três primeiros foram conduzidos até aos postes e amarrados, com a túnica dos condenados (um camisolão branco), os capuzes” “puxados bem por sobre os olhos para que nada vissem, sendo que então uma companhia de vários soldados se postou diante de cada poste. O meu amigo era o oitavo da lista e portanto tinha de ser um dos do terceiro turno. O padre se acercou de cada um, com a cruz. Ele só dispunha de cinco minutos mais para viver. Contou-me que aqueles cinco minutos lhe pareceram um infinito e vasto tesouro. Sentia tantas vidas naqueles cinco minutos que não precisava se incomodar com o último momento, tanto mais que havia subdividido o seu tempo da seguinte maneira: dois minutos para se despedir dos companheiros. Outros dois para o seu último pensamento geral. E, depois, o último, o quinto, para olhar em redor de si pela derradeira vez. Lembrava-se muito bem dessa extravagante subdivisão do seu tempo. Ia morrer aos vinte e sete anos, moço, forte e em plena saúde. Ao se despedir dos camaradas ocorreu- lhe perguntar a um deles qualquer coisa inadequada à circunstância, e achou muito curiosa a resposta. Após as despedidas, vieram os tais dois

minutos que reservara para pensar em si mesmo. Sabia de antemão em que devia pensar. Desejava atinar, da maneira mais clara e pronta possível, como é que estava existindo agora, isto é, vivendo, e como é que dentro de três minutos seria qualquer outra coisa, alguém ou nada! E isso, como e onde? Resolvera solucionar tudo, de vez, naqueles dois únicos e últimos minutos. Não longe dali havia uma igreja cuja cúpula dourada cintilava aos raios solares. Como se lembrava de se ter posto a fixar, fascinado, aquela cúpula fulgurante de luz! Não podia tirar os olhos de lá! Era como se aqueles raios fossem já a sua outra futura natureza, visto como, dentro de três minutos, ele de um certo modo se iria fundir neles...

A incerteza e um como que sentimento de pavor pelo mistério em que já estava quase ingressando foram terríveis. Disse-me, porém, que nada foi tão cruel naquele momento como este contínuo pensamento em forma de interrogação: “E se eu não morrer? Se eu for devolvido à vida? Ah! Que eternidade! Tudo seria meu! Eu transformaria cada minuto em outras tantas eternidades! Não desperdiçaria um segundo sequer! Contaria cada minuto que fosse passando, sem desperdiçar um único!” Disse-me que essa idéia lhe veio com tal furor, que desejou ser imediatamente fuzilado, logo, logo!... Subitamente, Míchkin interrompeu o que estava contando. E elas ficaram à espera de que ele prosseguisse e tirasse qualquer conclusão.

– Acabou? – pergunta Agláia.

– Como?! Ah! Sim – disse Míchkin, despertando de um sonho momentâneo.

– Mas, para que nos contou esta história?

– É que qualquer coisa em nossa conversa me fez recordá-la...

– O senhor fala muito abruptamente... – observou Aleksáandra. (p.50)

– Ainda agora me veio ao espírito um pensamento, quando me pediu um assunto para o seu quadro (Míchkin animava-se logo, confiante): sugerir-lhe que pintasse o rosto de um homem condenado! Um momento antes da guilhotina cair, quando ele ainda estivesse de pé no cadafalso, antes de se curvar sobre o cepo.

– O rosto? Só o rosto? – interessou-se Adelaída – Seria um tema estranho. E que espécie de quadro produziria isso?

– Não sei. Mas, por que não pintar? – insistiu Míchkin com ardor – Vi uma tela mais ou menos assim, em Basiléia, não há muito tempo. Gostaria de descrevê-la para as senhoritas. Um dia destes o farei. Impressionou-me como quê!

– Não deixe de nos contar depois como era esse quadro de Basiléia – disse Adelaída. Mas, por hoje, nos explique como devo pintar a execução. Poderia dizer-me

como é que o senhor próprio a imaginaria? A cabeça como deve ser? E tem de ser só a cabeça? Como é o rosto?

– Praticamente tem de ser no minuto que antecede à morte – começou Míchkin, com muita presteza, servindo-se de suas recordações e dando até mostras de aflição, como não querendo esquecer nenhuma minúcia de importância relativa ao caso – O momento em que ele acabou de subir a escadinha e parou sobre o cadafalso. Bem nesse instante ele olhou na minha direção. Olhei para a sua face e compreendi tudo. Será possível contar isso? Desejo, sim, desejo muito que a senhorita ou qualquer outra pessoa pinte isso. Melhor se fosse a senhorita. Já me veio a idéia de que a senhorita fizesse bem um quadro desse gênero. Mas, veja bem, tem-se de imaginar tudo quanto sucedeu antes, tudo, tudo! O condenado estava na prisão e pensava que a execução seria dentro de uma semana, contava com as formalidades de praxe e calculava que os papéis levariam uma semana para voltar. Mas, por uma circunstância fortuita, o prazo foi reduzido. Às cinco da manhã ele estava dormindo. Fins de outubro. As cinco da manhã ainda é frio e escuro. O superintendente da prisão chega sem nenhum rumor acompanhado do guarda, e lhe toca o ombro, com muito cuidado. Ele se apoia no cotovelo e se ergue um pouco. Vê a lanterna. Pergunta:

– Que é?

– A execução será às dez horas.

Não pôde apanhar bem o sentido disso, por estar apenas semi-acordado, mas acabou objetando que a sentença demoraria no mínimo uma semana em seus trâmites. Nisto acordou de todo, deixou de protestar, ficou mudo. Assim me contaram. Depois falou:

– É duro assim de repente!

E de novo se calou, não falando daí em diante mais nada. As três ou quatro horas seguintes foram esgotadas nos usuais preparativos: receber o sacerdote, depois o almoço, no qual lhe serviram vinho, café e carne. Não é isso um escárnio? Pensem na crueldade disso! E dizer-se que, afinal, esses inocentes funcionários agem de boa-fé, convencidos de que estão praticando um último ato de humanidade! E depois a toilette. Sabem o que é isso? Só então é que o levaram através da cidade, para o suplício. Penso que também este homem, como aquele outro, deve ter imaginado, enquanto era levado através da cidade, que ainda lhe sobrava um tempo sem fim para viver. Devia ir pensando, pelo caminho: “Pois não é que ainda falta muito tempo! Tenho três ruas! Devo passar por esta, até o fim, depois ainda tem a próxima antes de chegar a terceira; à



esquerda há um padeiro, na terceira rua... sim... à esquerda. Ainda falta muito para chegar diante da casa do padeiro...” Em torno da carreta, multidão, barulho e exclamações. E ele tinha de suportar dez mil faces, vinte mil olhos! E, pior do que isso, tinha de suportar o pensamento seguinte: “São dez mil, mas nenhum deles vai ser executado; eu é que vou ser executado”. Bem, todo esse preparativo. Agora, rente ao cadafalso, uma escadinha. Diante desses três degraus, começou a chorar, ele que tinha sido um forte, que fora um grande criminoso, segundo me disseram. O sacerdote não o deixava um só momento; acompanhou-o desde a carroça e não deixou de lhe falar todo o tempo. Duvido que tenha escutado. E se começou a escutar não deve ter apreendido mais do que duas palavras. Deve ter sido assim. E eis que começou a subir os degraus. Suas pernas estavam ligadas uma à outra, de maneira que teve de subir dando uns pulinhos lúgubres. O sacerdote, que era um homem inteligente, deixou de lhe falar, só lhe dando a cruz para que a beijasse. Ao pé da escada, ele estava

lívido e, quando chegou à plataforma do cadafalso, parou e estava tão branco como papel, como papel imaculado sobre que se escreve. As suas pernas devem ter fraquejado, depois devem ter endurecido como paus. Eu pensava comigo que ele devia estar se sentindo tão mal como se uma coisa na garganta o sufocasse fazendo-lhe uma espécie de êmbolo. As senhoritas nunca sentiram isso, quando estão com temor, ou nos momentos terríveis em que conservamos toda a nossa razão, mas ela não tem mais nenhum poder? Penso que quem quer que se defronte com a destruição inevitável, por exemplo, ao perceber que uma casa vai desabar, deve sentir um desejo só, instantâneo e imediato: sentar-se e fechar os olhos, à espera... venha o que vier... Quando essa fraqueza estava chegando, o sacerdote em silêncio e em um movimento lépido lhe chegou a cruz aos lábios, erguendo-a até ele, uma pequena cruz de prata maciça, conservando-a assim à altura dos lábios, muito tempo. Cada vez que a cruz lhe tocava os lábios, ele reabria os olhos e parecia vir à vida por uns poucos segundos; e as suas pernas se moviam. Tornava a beijar a cruz, veementemente. Beijava-a com pressa, como para não se esquecer de se munir de alguma coisa de que muito necessitava, muito embora eu duvide que naquele momento lhe viessem sentimentos religiosos propriamente. E assim foi, até que o levaram para o cepo. É incrível, como são raríssimas as pessoas que desfalecem nesse momento. Pelo contrário, o cérebro fica tão aguçado que decerto trabalha em uma progressão tremendamente centuplicada, qual máquina em alta velocidade. Quer me parecer que nessa hora sobrevenha um agudo tumultuar de idéias de toda sorte, sempre inacabadas e também absurdas,

completamente gratuitas e inadequadas. “Aquele homem está me olhando. Tem uma verruga na cara. Um dos botões do casaco do algoz está enferrujado”. E uma porção de outras coisas que nessa hora vêm à tona... Há um ponto que se grava indelével, um eixo ao qual a pessoa não se pode eximir, já que tudo o mais roda à sua volta. E pensar que tem de ser assim até o último quarto de segundo, quando a cabeça já está sobre o cepo, à espera... e sabe!

Subitamente ouve em cima de si o retinir do aço. Sim, tem de ouvir isso. Se eu estivesse lá, curvado, ficaria bem atento a fim de ouvir e de escutar! Dura apenas a décima parte de um segundo, mas a pessoa sabe que escutará. E calculem que ainda é ponto de controvérsia saber se, um segundo depois de cortada, a cabeça sabe que foi cortada! Que idéia! E se eu lhes disser que cinco segundos depois ela ainda sabe!? Pinte o cadafalso de maneira que só o último degrau possa ser visto distintamente. No primeiro plano, o criminoso tendo acabado de o subir. Pinte-lhe a cabeça e o rosto, branco como papel; o sacerdote erguendo a cruz. O homem vorazmente estendendo os lábios azuis e olhando... e com que olhos! E ciente de tudo. Uma cruz e uma cabeça, mais nada, eis o quadro. O rosto do sacerdote e o do carrasco. Os seus dois ajudantes. E umas poucas cabeças e olhos, embaixo, pintados, se quiser, no plano posterior, em meia luz, assim como guarnição viva de tela... Eis o quadro! Cessando de falar, Míchkin ficou olhando para elas.’ (p.54)

### **Traços autísticos no príncipe?**

No paradigma psicopatológico há duas classificações para o autismo: a do DSM V (2013), modelo behaviorista adotado pela Associação Psiquiátrica Americana<sup>3</sup> e a da CID-10 (1989), da Organização Mundial de Saúde<sup>4</sup>. Na primeira talvez se pudesse colocar o príncipe como uma pessoa com o Transtorno do Espectro Autista – TEA, tratando-se no caso de um autismo leve, ou de alto funcionamento. Na segunda classificação provavelmente se diria ser ele um portador da

Síndrome de Asperger, categoria distinta do Autismo Infantil.

---

<sup>3</sup> DSM (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders) modelo behaviorista adotado pela Associação Psiquiátrica Americana (APA). Variante da sexta versão da Classificação Internacional de Doenças (CID)

<sup>4</sup> Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde-CID / ICD: International Statistical Classification of Diseases and Related Health Problems) da Organização Mundial da Saúde (OMS).

É intrigante se observar que essas duas classificações médicas oficiais, embora contraditórias, estão ambas em vigor.

É necessário dizer que o paradigma psicopatológico não é o único existente, mas essa discussão escapa aos propósitos deste trabalho.

Não importa qual dessas classificações seja utilizada, observa-se na maioria dessas pessoas a presença das seguintes manifestações:

- Inabilidade em estabelecer uma teoria da mente.
- Imodéstia e sinceridade cortante.
- Alheamento ao mundo quando se enreda pelo assunto do seu interesse.
- Submissão às regras.
- Alheamento às convenções sociais.
- Desinteresse em competir, vencer, ganhar, levar vantagem.
- Detalhismo.
- Defasagem entre o desenvolvimento cognitivo e emocional
- Ser arrastado pela vida.
- Ar professoral.
- Inabilidade em estabelecer uma teoria da mente.

## **Teoria da mente**

A maioria das pessoas desenvolve a capacidade de “ler” no rosto e no restante do corpo das outras pessoas, os seus sentimentos, emoções e até os seus pensamentos.

Naturalmente que isso está sempre sujeito a uma certa margem de erros, mas a margem de acertos, em maior ou menor grau, é bastante significativa, a depender da maior ou menor sensibilidade de quem percebe. A isso se chama teoria da mente, que “significa a capacidade para atribuir estados mentais a outras pessoas e prever o comportamento das mesmas em função destas atribuições. (PREMACK & WOODRUFF, 1978, apud BOSA & CALLIAS, 2000)

Uma parcela elevada das pessoas no autismo apresenta uma grande dificuldade em estabelecer uma teoria da mente, o que resulta na maioria das vezes em comportamentos socialmente inadequados, que trazem embaraços e dificuldades na interação social. Sem se aperceber de que o outro está alegre ou triste, afável ou raivoso, bem ou mal intencionado, destemido ou com medo, preocupado ou descontraído, calmo ou apreensivo, a pessoa no autismo termina muitas vezes por causar um grande mal

estar nas outras pessoas ou não se aperceber de que está sendo molestado, explorado, ridicularizado.

**Exemplo 1:**

Um jovem no autismo, com cerca de 26 anos, palestrante de formação universitária, muito inteligente e culto, que além da sua especialidade era aficionado por cinema francês, ao início da sua palestra, não se dá conta de que aquele que acumula as funções de produtor do evento, coordenador da mesa e técnico dos equipamentos, está em apuros porque o datashow simplesmente se nega a relacionar-se com o notebook, o que impossibilita o início da palestra. Nesse contexto o palestrante desanda a falar copiosamente para o aturdido coordenador sobre “o cinema francês desde a Nouvelle Vague, com François Truffaut e Jean-Luc Godard” e por aí vai em cascata, até que o interlocutor, mais aturdido ainda, pede desculpas e explicita as suas dificuldades naquele momento. Muito educadamente o palestrante pede mil desculpas, mas até aquele momento não conseguira ler na fisionomia do outro as suas dificuldades.

**Exemplo 2:**

Um garoto de 12 anos, mas com a compleição física de 14, desenvolvimento cognitivo compatível com a sua idade, é induzido pelos colegas de prédio a tocar a campainha dos vizinhos, invadir a sala e fazer uma determinada palhaçada. Os colegas lhe dizem que os vizinhos muito apreciarão aquela brincadeira, acharão tudo muito engraçado e se divertirão para valer. Diante do olhar de constrangimento e desagrado de cada vizinho, o garoto não se apercebe do incômodo que está causando. Depois disso, os amigos riem a valer, ridicularizando o colega, ele rindo junto, sem se aperceber do bullying.

Na relação do príncipe com Rogójin e Liébediev (seus companheiros de trem), com o lacão, com Gánia, com o general, com a generala e suas filhas, com os exploradores da sua fortuna e com todos os demais personagens ao longo de toda a obra, o príncipe demonstra uma total incapacidade para perceber ironias, sarcasmos, achincalhes, hostilidades, humilhações, tentativas de exploração e até, o que é de se pasmar, as inúmeras investidas, insinuações, jogos de sedução às escâncaras de Agláia, a mais bela e mais jovem das três filhas do general, apaixonada pelo príncipe e desejosa de com ele se casar, o que está mais do que claro para o pai, a mãe, as irmãs da moça e todos que circundam o príncipe, exceto para ele. (p.463)

Começando com Rogójin e Liébediev, sem se dar conta do achincalhe a que é submetido, o príncipe ri às soltas com os seus companheiros, o que lhes encoraja os redobrados risos de sarcasmo. “É notável a boa vontade com que o jovem da capa suíça responde às perguntas do companheiro (Rogójin). Não deixa sequer transparecer nenhum melindre de desconfiança ante a extrema impertinência das indagações inconvenientes e sem propósito” (p.3) e da ridicularia a que o companheiro de viagem lhe submete como reação às suas narrativas.

Quando o príncipe é recebido pelo general, apesar de este tratá-lo com ar de mofa, impaciência, maneira pouco acolhedora, descortesia, ironia, interrupção da sua fala ao meio de uma frase, o príncipe reage com positiva jovialidade, com o rosto cordial e um sorriso “limpo da menor sombra de qualquer gênero de malquerença”.

Quando é recebido pela generala e suas três filhas, depois de ser ostensivamente ridicularizado pelas quatro mulheres por conta da história de sua afeição por um certo jumento, o príncipe ri às soltas junto com suas ofensoras, sem se dar conta das ofensas.

Aqui é necessário prestar um esclarecimento. Tendo recebido essa herança, o príncipe é procurado pelos mais variados cafajestes, estelionatários, exploradores, aproveitadores que vão logo e logo dilapidando a sua fortuna que de um milhão e meio de rublos se reduz para apenas 135.000, menos de 10%. Por mais que seja alertado, prevenido, aconselhado, ele não consegue identificar nenhuma maldade na fisionomia dessas pessoas, mas apenas uma gente de bom coração, sofrida, castigada e, de forma inexplicável e injusta, punida pela vida. “O senhor continua, e não há quem o demova, a ser cavalheiro, haja o que houver.” Diz-lhe Ippolít. (p.463)

A generala arquiteta uma reunião para apresentar o príncipe à sociedade, mas com uma motivação subalterna de sondagem de como ele seria recebido por essa alta sociedade, na hipótese de noivado com Agláia:

Nunca lhe entraria pela cabeça que toda aquela singela nobreza de maneiras e aquela dignidade, a que se juntaram talento e espírito fossem mera encenação, ou que a maioria dos convidados, a despeito de seu exterior atraente, fosse de cabeças ocas, incauteladas, sua superioridade sendo mero verniz.

(...) Ele estava pois prejudicado por sua predisposição a impressões favoráveis. (p.478)

(...) Toda essa sociedade tomou-a Míchkin como moeda de lei, ouro puro, sem liga.

(...) Mas Míchkin não via nada pela outra face, não sabia reconhecer correntes submarinas! [hipocrisia] (p.481)

Do mesmo modo que ele era absolutamente despreparado para perceber o estado de espírito de outrem, acreditava também que o mesmo acontecesse com essas pessoas. Em dado momento “O príncipe fica desconcertado, pois, como quase toda gente em situação especial igual à sua, supunha que a ninguém era dado adivinhar ou compreender nada do seu íntimo.” (p.433)

### **Imodéstia e sinceridade cortante**

O príncipe diz para o laçao:

“- Ora, não é que estou falando lindamente o russo?!”

E para o general, quando lhe pergunta:

“- O russo? O senhor conhece, então, a gramática russa, e pode escrever sem erros?

– Oh! Perfeitamente.

– Ótimo, ótimo; e a sua caligrafia?

– A minha letra? É excelente. Posso até chamar a isso um talento, pois sou um perfeito calígrafo.”

Quando a filha mais velha do general, Aleksándra, diz ao príncipe com ironia:

– O senhor é um filósofo e, quem sabe? Talvez tenha chegado aqui para ensinar.

– Talvez tenha razão – sorri o príncipe – talvez seja eu um filósofo e saiba ensinar a pensar... É bem possível; é verdade.

– Acha então que vive mais sabiamente do que qualquer outro? – indaga Aglária (a filha mais jovem do general).

– Sim, muitas vezes julgo assim.

– E não muda de opinião?

– Penso sempre do mesmo modo.

Um colega de classe pede a um garoto de 13 anos com traços autísticos que dê uma opinião sobre o seu trabalho, obviamente uma busca encoberta de um belo elogio. Sem se aperceber das intenções do colega, o garoto responde-lhe: “Seu trabalho está uma porcaria”. Admoestado pela mãe para que fosse mais gentil com o colega, responde a essa: “Você quer o quê? Que eu minta?”

Muito naturalmente uma criança com traços autísticos dirá à sua querida tia e madrinha: “Não me beije tia, você está suada”.

### **Alheamento ao mundo quando se enreda pelo assunto do seu interesse.**

Como é visto ao longo de todo o romance, repetidas vezes o príncipe envereda por uma descrição de determinado acontecimento e fica tão tomado pelo assunto que parece ter sido ser abduzido para aquela outra cena. Repetidas vezes o teor dessa conversa é a bizarra descrição em pormenores dos processos de degola pela guilhotina, enforcamento e fuzilamento.

Esse é o assunto pelo qual envereda o príncipe na conversa com o lacaio que por mais que tenha sido afinal arrastado para ele e tenha demonstrado certo interesse, trata-se de um tipo de conversa que deixa o interlocutor atônito, certamente inapropriada entre pessoas que acabaram de se conhecer.

Essa também é a atitude do palestrante diante do produtor-coordenador-técnico do evento quando desanda a falar do cinema francês.

Depois de Aglália questionar e ridicularizar “a riqueza da vida dentro de uma prisão” e a alegada vida feliz do príncipe em um sanatório, o príncipe inicia uma interminável conversa sobre um homem que “fora, uma vez, conduzido com mais outros ao cadafalso, levado por uma sentença de morte. Ia ser fuzilado por causa de uma ofensa política. Vinte minutos mais tarde, porém, lhe era lida a comutação da pena de morte pela de degredo.”

E logo em seguida fala sobre um pensamento que teve quando Adelaide, irmã de Aglália, lhe pediu um assunto para o seu quadro: “pintar o rosto de um homem condenado! Um momento antes da guilhotina cair, quando ele ainda estivesse de pé no cadafalso, antes de se curvar sobre o cepo.”

Em dado momento Aglália perde a paciência, se exaspera e lhe diz: “Ouça, uma vez por todas. Se falar sobre qualquer coisa assim como pena capital, ou a posição econômica da Rússia, ou como a Beleza salvará o mundo, naturalmente eu ficarei radiante, aplaudirei, rirei.., mas desde já o previno, não me apareça depois, nunca mais!”

### **Submissão às regras**

Pareceria que o príncipe teria um profundo sentimento de compaixão por essas pessoas que o exploravam, inspirado no seu arraigado sentimento cristão, mas, por outro lado, parece também que se trata, mais verdadeiramente, de fazer a coisa certa, obedecer à regra, à norma, o estatuto, no caso, os preceitos cristãos. Essa é uma característica por demais encontrada entre sujeitos com manifestações autísticas. A regra é “Não matarás”, então não se pode matar de modo algum. Talvez não se devesse matar, na ótica do príncipe, mesmo uma pessoa que estivesse na iminência de matar cem pessoas. Mesmo para salvar essas cem pessoas, não se deveria matar esse criminoso potencial. Esta é a regra.

Normalmente o sujeito não inscrito no autismo, diante da possibilidade de obediência a uma norma, antes de aplicá-la, julga se ela é adequada às circunstâncias, ou não. Por exemplo, diante de um sinal vermelho, tendo-se dentro do carro uma pessoa necessitando de socorro urgente, ultrapassa-se o sinal. E depois se faz face às consequências. Uma pessoa no autismo muito dificilmente conseguiria fazer essa “transgressão”.

Jacob Barnet, que aos 15 anos defendeu a sua tese de mestrado em Física, entrando em seguida no doutorado, quando criança, acompanhava a mãe ao Departamento de Trânsito. “A fachada estava em reforma, então demos a volta pelos fundos, mas Jake simplesmente não aceitava — ou não conseguia — entrar pela porta que dizia “Saída”.

Em outra ocasião a mãe o prepara para a festa do pijama na escola: “Adivinhe o que você vai usar na escola amanhã, Jake? Seu pijama!” Ele olhou para mim genuinamente preocupado, achando que eu devia ter ficado louca. “Eu não uso pijama durante o dia, mãe. Uso de noite.” Eu insisti e ele também. “Não uso pijama na escola”, ele continuou me explicando, paciente até o fim. “Uso pijama na cama.” (BARNET, p.94)

O príncipe se submete, *ipsis literis*, às regras do cristianismo: não matarás, ama ao próximo como a ti mesmo, amai aos vossos inimigos, vinde a mim as criancinhas. Ora, se para um fervoroso cristão amar ao próximo como a si mesmo já é por si só um objetivo inalcançável, imagine-se amar os próprios inimigos. Mas é o que o príncipe se propõe a fazer. Parece que toda a sua personalidade é regida por ideais, não por sentimentos. “Príncipe, o senhor é idealmente [grifo nosso] generoso.” Diz-lhe o general Ívolguin.



O “vinde a mim as criancinhas” foi levado tão ao pé da letra que isto lhe trouxe inúmeros problemas quando esteve na Suíça, por ter procurado estar, o tempo todo, em meio aos pequenos, evitando sempre os incompreensíveis adultos.

### **Alheamento às convenções sociais**

Em aparente contradição com a submissão às regras, a pessoa no espectro mostra-se alheio às regras sociais. Não em oposição, diga-se, mas alheio. Simplesmente aquilo não faz sentido para ela.

Quando o segundo criado lhe diz “Passe para a sala de espera e deponha o seu embrulho aqui.” Ele, apesar das admoestações do criado, insiste em permanecer na ante-sala, onde não deveria ficar e com o seu embrulho no colo e não no local onde fora instruído a deixá-lo. Por esse motivo, “como previra, o laçaiio recebe uma repreensão do secretário.”

O príncipe pede ao criado para fumar, o que seria inconcebível naquele ambiente tão formal, tão inconcebível que o criado lhe responde indignado: “Não. O senhor não pode fumar aqui. O senhor devia se envergonhar de pensar em uma coisa dessas.”

Enveredar por histórias escabrosas de degolação e fuzilamento à mesa de refeição; autoconvidar-se para a requintada festa de aniversário de Nastássia e lá chegar em estado deplorável, ridículo mesmo, por conta “de suas botinas sujas, do seu chapéu de abas enormes, da sua capa sem mangas, e do seu ar embaraçado” (p.113),

Bem mais adiante, a propósito de uma certa conversação, Dostoievski assim descreve o seu personagem:

“O príncipe comprazia-se com a oportunidade de iniciar conversa através de um assunto qualquer, mesmo que fosse, como aquele o era, inadequado. Interessante, talvez, mas indigesto; e portanto, absurdo.” (P.441)

### **Desinteresse em competir, vencer, ganhar, levar vantagem**

O que o leva à bancarrota.

### **Detalhismo**

Tanto quanto o psicanalista, não está interessado no geral mas no detalhe. Uma psicanálise é sempre uma análise de fragmentos.

### **Defasagem entre o desenvolvimento cognitivo e emocional**

Em contradição a ser considerado um idiota, a capacidade intelectual do príncipe é repetidamente enaltecida, em contraponto à sua aparente incapacidade de experimentar e expressar um amor sensual: “Mas em toda essa sua conversa não houve sequer, indício de palavra referente a idílio. Só expressava coisas sérias, às vezes, mesmo, profundas idéias.” (p. 433) Mais adiante, Agláia: “Aposto o que quiser como vai logo discorrer sobre qualquer coisa difícil, um assunto elevado.” (p. 439)

A supremacia do cognitivo, do intelecto sobre os sentimentos e emoções, são expressos com lucidez pelo personagem Evguéni Pávlovitch:

Não concordo e até me indigno quando alguém o chama de idiota. O senhor é inteligente demais para merecer essa classificação. Mas o senhor é tão estranho que não se assemelha a nós outros, vamos, concorde comigo. E então me veio à cabeça que o que está no fundo de tudo que aconteceu é a sua inata falta de experiência (marque bem esta palavra “inata”, príncipe!), a sua extraordinária ingenuidade, a sua fenomenal carência de noções de proporção (o que, alias, o senhor mesmo várias vezes reconheceu) e, finalmente, a enorme massa de convicções que, sendo, como no senhor são, intelectuais, o senhor cuidou que fossem inatas e intuitivas. (p.420)

Até os 26 anos o príncipe nunca tivera um envolvimento emocional ou sexual com uma mulher. Não tem paixão, tem compaixão. Não se apaixona, aparentemente se compadece, mas de fato faz o que acha que é o certo, de acordo com os princípios cristãos ortodoxos, ou seja, de acordo com a regra, do mesmo modo que a “Regra de São Bento” rege a vida dos monges beneditinos ou o “Shobogenzo” rege a vida dos monges da escola Soto Zen.

Mesmo assim, duas lindas mulheres, Agláia, a mais nova e mais bonita filha do general e Nastássia, uma mulher que foi seduzida pelo tutor aos 15 anos de idade, tornando-se sua amante, teúda e manteúda até os 25, mulheres de formação e temperamento completamente antagônicos, apaixonam-se por ele e lutam por conquistá-lo. Pelo que elas se apaixonam, não se sabe. Se pelo homem ou pelas suas qualidades: sinceridade, bondade, gentileza, compassividade, delicadeza, atenção, magnanimidade, qualidades nada desprezíveis e apreciadas por qualquer ser humano, homem ou mulher.

Quando Gânia lhe diz “Tenho razão em crer que o senhor também ficou arrebatado diante de Nastássia Filíppovna,” o príncipe responde “Sim... Eu gosto dela.” Mas quando o interlocutor lhe pergunta se ficou apaixonado, a resposta é um peremptório “Não!”

Nastássia Filíppovna tem plena consciência disso pois, mesmo quando todos achavam que ela não passava de uma vadia, o príncipe continua afirmando que a tomaria como esposa. “Aqui está um achado!” Diz a mulher. E acrescenta: “E simplesmente por bondade de coração. Conheço-o. Encontrei um benfeitor!” Ao que o príncipe retruca:

“Mas considero que vós é que me daríeis honra, e não eu, a vós. Eu nada sou; mas tendes sofrido tanto, que sairdes desse inferno que tem sido vossa existência já é imenso!”.

Tirá-la desse inferno é a verdadeira motivação do príncipe, acorde ao seu ideal de compaixão cristã. É isso que está em jogo quando ele afirma: “Filíppovna... eu... eu vos amo. Amar-vos-ei até a morte. Por vós., morrerei, Nastássia Filíppovna. Não consentirei que digam uma palavra sobre vós.”

Temos aqui um guardião, um protetor, um fiel servidor, nunca um amante, um homem verdadeiramente apaixonado. O seu objetivo ao aceitar casar-se com Nastássia é unicamente livrá-la das garras mortíferas de Rogójin.

Com relação ao amor pela filha do general acontece a mesma coisa. “Não há dúvida de que só o simples fato de ele poder vir ver Agláia de novo, sem empecilho, de que lhe seria permitido falar com ela, sentar-se ao seu lado, passear com ela, já era o máximo de felicidade para ele; e, quem sabe, talvez só isso já lhe bastasse para o resto da vida. E era justamente esse contentamento platônico que Lizavéta Prokófievna [a mãe] receava secretamente.” (p. 433)

Esse amor platônico, universal, magnânimo, compassivo é questionado em carta de Nastássia Filíppovna a Aglaia. “Pode alguém, não me refiro a um anjo, mas a um ser humano, amar a todos os homens, a todo seu próximo? Muita vez me tenho feito esta interrogação. Naturalmente que não. Não é natural, com efeito. No amor abstrato para com a humanidade, não se ama a ninguém, e sim a si próprio.” (p.406) Curioso é que essas afirmações são endereçadas a Aglaia, cabendo, todavia, como uma luva, ao príncipe e jamais a Agláia.

Quando, por mero acidente, o príncipe parece ter escolhido Natássia a Agláia, o personagem Evguénii Pávlovitch lhe diz:

Intoxicado, por assim dizer, pelo entusiasmo, logo se lhe deparou o ensejo de proclamar, publicamente, a generosa idéia de que o senhor, um príncipe por nascimento, e um homem de vida ilibada, não considerava desonrada uma mulher arremessada à vergonha não por culpa própria e sim por um repugnante aristocrata libertino. Deus do

Céu, naturalmente que se entende isso! Mas esse não é o ponto, meu caro príncipe. O ponto é saber se houve realidade, se houve sinceridade em suas emoções; se o que houve foi sentimento natural ou entusiasmo intelectual. (...) Mas como pôde, atrapalhando-se com a compaixão, servir o prazer de uma mulher para envergonhar outra? E esta, uma pura e suave moça que o senhor consentiu que uns olhos altivos e rancorosos humilhassem! Ao que o vai levar a compaixão, ainda? A um exagero que ultrapassa tudo quanto se possa imaginar. (p. 521)

– Apenas vou me casar com ela. (...) Assim ela não morre. Casar-se com Rogójin é que seria uma loucura! (p. 522)

– E ao mesmo tempo declara que ama Aglária Ivánovna?

-Oh! Sim, sim!

-Mas como? Então ama a ambas?

-Oh! Sim, sim! (p. 523)

E claro que estava falando a verdade, pois um amor compassivo pode ser endereçado, e legitimamente, a diversas pessoas ao mesmo tempo.

Fora sincero quando disse a Evguénii Pávlovitch que amava Nastássia verdadeira e sinceramente e que em seu amor havia um elemento de ternura para com uma criança doente e infeliz que não podia ser deixada entregue a si mesma. (p. 529)

O príncipe aparenta não experimentar emoções, a ponto de o personagem Hypolít, a certa altura em que o nobre expressa surpresa por qualquer coisa, comentar: “Arre! Afinal começa o senhor a perder o seu ar de indiferença. Pelo menos já ficou surpreendido! Alegra-me verificar que, finalmente, está ficando um ser humano. Congratulo-me com o amigo. (p. 503)

### **Ser arrastado pela vida**

O seu destino, desde cedo e até os 26 anos, foi conduzido pelos outros: pai morre quando ele conta apenas com cinco anos, mãe, seis meses depois; fica sob a proteção de um tutor, que o encaminha à Suíça para tratamento da saúde com um certo Dr. Schneider, que o manda de volta à Rússia, onde os fatos vão sendo conduzidos pelos outros: o general lhe dá 25 rubros, que passa a ser toda a sua fortuna, e o encaminha para se hospedar na casa de Gánia, cujo pai, um outro general, fanfarrão, aposentado, bêbado, facilmente solapa esses 25 rublos; a herança é dissipada facilmente por falsos credores: não se interessa em ganhar, vencer ou se sobrepor.

## **Ar professoral**

Muitas pessoas no espectro autista, quando se pede que explicitem determinado assunto, assumem um ar professoral e dão uma verdadeira aula.

Foi o caso de um garoto no espectro autista, super dotado, com sete anos de idade, que pergunta ao analista: você sabe a diferença entre um chocalho e um maracá? Os dois instrumentos encontravam-se na sala. Diante da resposta negativa do analista, o garoto levanta-se, vai para um certo ponto da sala, assume um tom professoral e desenvolve todo um discurso didático. Esconde os dois instrumentos às costas. Em seguida apresenta um deles e diz: este é o maracá. E fala da sua constituição e das suas funções. Em seguida esconde aquele instrumento e revela o outro, dizendo: este é um chocalho e descreve igualmente a sua constituição e as suas funções, e esclarece que em um dos instrumentos as sementes estão por dentro e no outro, por fora, o que os distingue.

Isso fica evidente na história do príncipe quando depois de uma longa argumentação em tom professoral, ele se dá conta do que está a fazer e pergunta às filhas da generala: “Ficaram zangadas comigo, por alguma coisa que eu tenha feito sem querer?”

Olhava-as agora bem no rosto, parecendo um tanto embaraçado, assim de repente.

– Zangadas? Nós? Por quê? – exclamaram as três, surpreendidas.

– Ora., por haver eu assumido todo este tempo um ar de quem recita um sermão...” (p.51)

Esses discursos em tom professoral se desenvolvem ao longo de todo o romance.

## **Concluindo...**

...vimos que uma pessoa com traços autísticos, pelas peculiaridades do seu comportamento, causam um certo estranhamento e, embora tratando-se de uma pessoa com desenvolvimento cognitivo compatível com a sua idade ou até mesmo superdotada, é muito comum essa pessoa passar por uma idiota aos olhos de pessoas desavisadas.

**Referências bibliográficas:**

BARNET, Kristine. Brillhante. Tradução: José Rubens Siqueira. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. 2013.

DOSTOIEVSKI, Fiódor. O Idiota. Tradução portuguesa por José Geraldo Vieira

FREUD, Sigmund. Dostoievski e o parricídio (1928 [1927]). Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol 21, Rio de Janeiro, Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen (1907 [1906]). Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol 9, Rio de Janeiro, Imago, 1996.

PREMACK & WOODRUFF, 1978, apud BOSA, Cleonice (UFRGS) e CALLIAS, Maria (Institute of Psychiatry, 1 University of London). Autismo: breve revisão de diferentes abordagens. Psicologia Reflexão e Crítica. Publicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

([http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79722000000100017&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722000000100017&lng=en&nrm=iso&tlng=pt))